



**IGREJA DE CRISTO
INTERNACIONAL DE BRASÍLIA**

ESCOLA BÍBLICA



**MÓDULO I - O NOVO TESTAMENTO
AULA XXIV - O PERIGO DAS
HERESIAS:
II PEDRO, JUDAS E I, II, III
JOÃO**

O Perigo das Heresias

Fundo

Nas últimas quatro décadas do primeiro século, a Igreja era afligida por heresias. Desvios da verdade ocorriam em todas as direções e era necessária uma vigilância constante, se os cristãos quisessem manter sua fé pura.

O surgimento de doutrinas falsas não era algo novo ou inesperado. A controvérsia com os judaizantes, que começou em Antioquia, era um sinal de muitos outros erros que existiriam na Igreja a partir de então.

Entre os coríntios, havia quem dissesse que não havia ressurreição dos mortos (I Co 15:12). Talvez os hereges ainda se considerassem cristãos e sentissem que a negação da ressurreição física fosse de importância menor. Contudo, Paulo mostrou que isso atingia o cerne de toda a fé cristã. Quando fez seu discurso de despedida em Mileto, ele disse aos líderes de Éfeso que após sua partida lobos ferozes entrariam, não poupando o rebanho. E dentre eles mesmos, homens se levantariam falando coisas perversas, para trazerem para si os discípulos (At 20:29-30). Em suas cartas a Timóteo e a Tito, ele deu grande ênfase à correção doutrinária, e previu que nos últimos dias alguns se desviariam da fé, ouvindo espíritos doutores e doutrinas demoníacas (I Tm 4:1). Além disso, ele prediz que as próprias igrejas degenerariam ao ponto de não suportarem a sã doutrina e se voltariam para fábulas (II Tm 4:4).

Cinco curtas cartas, II Pedro, Judas, I, II e III João foram escritas para lidar com estas tendências a falsas doutrinas dentro da Igreja. Seus textos foram escritos de maneira positiva, contudo eram pontuados pelos perigos da época: infiltração do paganismo e perseguição. A data em que foram escritas é incerta, mas certamente todas pertencem ao período após o ano 60 DC.

II Pedro

Fundo

Existe menos evidência externa sobre a autoria deste livro do que existe para qualquer outro livro do Novo Testamento. Nenhum dos líderes da Igreja primitiva o atribuem com certeza a Pedro. Alguns deles diziam que Pedro havia com certeza deixado uma epístola (I Pedro), e que se suponha que ele tinha deixado outra (II Pedro). A mesma dúvida sobre a autoria existe sobre II e III João, sendo que havia algumas igrejas que até mesmo não as aceitavam. Por serem curtas e por terem sido escritas sem um destinatário específico, talvez sua circulação fosse pequena no início, e quando se tornaram públicas mais tarde, sua veracidade foi questionada.

Com certeza II Pedro não é anônima, e os pontos biográficos que ela contém se encaixam com a vida conhecida de Pedro. O autor fala sobre ter sido limpo de antigos pecados (1:9), existe alusão à proximidade de sua morte (1:13), que havia sido prevista por Cristo (1:14, de acordo com João 21:18-19). A transfiguração foi citada como um marco na vida do autor e de seus companheiros (II Pe 1:16-18). Uma carta anterior enviada ao mesmo destino é mencionada (3:1). Os destinatários haviam recebido também cartas de Paulo, as quais Pedro considerava difíceis de entender, mas que ele considerava como Escrituras (3:15-16). Esta última alusão pressupõe que II Pedro tenha sido escrita algum tempo depois das cartas de Paulo, já que era necessário algum tempo para as cartas chegarem e circularem. Entretanto, não foi muito mais tarde, pois o autor chama Paulo de "nosso querido irmão Paulo", mostrando que eram contemporâneos.

Embora as evidências externas não sejam suficientes para concluir a autoria, as evidências internas pressupõem a autenticidade. A epístola não possui traços de heresia. Não existe nada na carta que não pudesse ter sido escrito por Pedro. Ela não é "embelezada" com detalhes biográficos que são obviamente imaginativos, como acontece nos livros apócrifos.

Considerando que esta carta foi escrita por Pedro, vemos uma mudança em relação à outra carta escrita por ele. Ele fala menos sobre o sofrimento causado pela perseguição. Pedro percebera que os distúrbios que ameaçavam se espalhar pelas províncias ficaram somente em Roma, e agora o perigo era mais interno do que externo.

O perigo confrontando as igrejas eram a dúvida e o erro vindos de ensinamentos falsos daqueles que se diziam líderes (II Pe 2:1). Estes ensinamentos incluíam a negação da autoridade de Cristo (2:1), adicionado ao abandono de padrões morais, à insolência, arrogância e ignorância espiritual (2:10-12).

A manifestação completa destas condições ainda estava por vir (2:1), mas ele já via o perigo da existência da ignorância e incerteza nas mentes das pessoas na Igreja. Duas vezes ele disse que eles precisavam ser lembrados das verdades que lhes tinham sido ensinadas (1:12; 3:1-2). Na primeira vez ele diz que as Escrituras são inspiradas por Deus (1:19-21) e na segunda vez diz que a vinda do Senhor, que parecia distante, seria como um ladrão (3:10). II Pedro foi escrita como um estímulo à lealdade e à fé, e como um encorajamento para aqueles cristãos cuja esperança na vinda do Senhor estava falhando, por causa de sua demora aparentemente sem sentido.

Conteúdo

Assim como o tema central de I Pedro é o sofrimento, de II Pedro é o conhecimento. Se os falsos mestres estavam usando o próprio conhecimento como base de sua superioridade, Pedro queria mostrar que a resposta para falso conhecimento é o conhecimento verdadeiro. As palavras "conhecer" e "conhecimento" aparecem 16 vezes, das quais 6 se referem ao conhecimento de Cristo.

A carta pode ser dividida em três seções: a primeira (capítulo 1) discute a natureza do conhecimento verdadeiro, que é dado por Deus como um presente por meio de seu poder (1:3) e por meio de suas promessas (1:4). Isso faz daquele que crê um participante da natureza divina, preparando-o para a experiência mais completa do reino celestial que estava por vir. A base deste conhecimento era o testemunho daqueles que estiveram com Jesus e a revelação das Escrituras, que vieram por inspiração e controle do Espírito Santo.

A segunda seção (capítulo 2) é uma denúncia profética dos falsos mestres, cujo surgimento na Igreja é esperado. Seus erros seriam a negação do trabalho redentor de Jesus, acompanhado por decadência moral.

A terceira seção (capítulo 3) tem um caráter mais escatológico. A única esperança para o futuro está no verdadeiro conhecimento do programa de Deus e na paciência enquanto ele está se cumprindo. Os zombadores vão negar a verdade da vinda do Senhor, sobre a qual os profetas e apóstolos haviam falado. No passado, os que haviam zombado foram punidos, e da mesma forma a punição virá aos novos zombadores, com a vinda de Jesus como um ladrão, e a subsequente dissolução da ordem existente criará novos céus e nova terra, onde reinará a justiça (3:13).

Avaliação

A principal contribuição de II Pedro para o ensinamento do Novo Testamento é a afirmação de que toda Escritura é inspirada por Deus (1:20-21). As principais palavras da passagem são: "particular", "interpretação" e "impelidos". Particular significa "à sua própria maneira". "Interpretação" contém a idéia de iluminação ou explicação. Não significa que alguém não possa tentar entender as Escrituras, mas é um alerta de que nenhum texto pode ser entendido em proveito próprio, ou fora do contexto espiritual. A palavra "impelidos" significa levados. Assim como um barco é levado pelas ondas do mar, os escritores das Escrituras eram levados pelo Espírito Santo.

A alusão às cartas de Paulo como sendo Escrituras (3:16) indica o começo da canonização do Novo Testamento, embora Pedro não tenha dito mais do que o próprio Paulo disse sobre suas cartas (I Ts 2:13). II Pedro se une a II Timóteo 2:15 e 3:16 para mostrar que a revelação escrita do Velho Testamento era a revelação da mente e da vontade de Deus, e que em tempos de controvérsia teológica e declínio moral, era o padrão aceito de fé e prática.

Judas

Fundo

Uma comparação da carta de Judas com II Pedro mostra que há uma conexão entre elas. Existem algumas teorias para explicar a semelhança, mas a que parece ser a mais razoável diz que Judas foi estimulado a escrever sua carta após ler a carta de Pedro, mas a organizou de maneira diferente.

No versículo 3 ele diz que pretendia escrever sobre a salvação, mas sentiu que era necessário escrever sobre um outro assunto, pois algo novo tinha acontecido, a infiltração de homens ímpios entre eles (v. 4). E foi justamente sobre este tipo de infiltração que Pedro escreveu em sua segunda carta. Além disso, Judas 17-18 é uma cópia de II Pedro 3:3, que Judas diz ter sido escrito pelos "apóstolos de Jesus Cristo".

Sem dúvida Judas era irmão de Tiago, o moderador da igreja de Jerusalém, e o irmão de Jesus que é mencionado em Marcos 6:3. Assim como Tiago, ele provavelmente se tornou cristão após a ressurreição de Jesus, e parece não ter tido nenhuma função proeminente na igreja apostólica. Em estilo e vocabulário sua carta se parece com a de Tiago. Ambos são breves, ambos dependem de figuras de linguagem tiradas da vida exterior, ambos possuem uma rigidez ética. O autor não se classifica como apóstolo (v.17).

Local e data

Não há muitas pistas na carta a respeito de onde e quando foi escrita. O que se pode supor é que se ele já tinha conhecimento de II Pedro, Judas escreveu sua carta por volta de 67 ou 68 DC, se o destino da carta era Jerusalém. Ou podemos supor, pelo o que ele diz no versículo 17 "**lembrem-se** do que foi **predito** pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo", que a carta de Pedro tenha chegado há alguns anos, e o que ele predisse estava então acontecendo, o que faz com que a carta de Judas possa ter sido escrita após 80 DC, e o destino não era Jerusalém.

Conteúdo

Judas anuncia que o propósito de sua carta era persuadir seus leitores a "batalharem pela fé confiada pelos santos" (v. 3). A necessidade desta emergência era a infiltração de homens ímpios, que transformaram a graça do Senhor em libertinagem, e que negam Jesus Cristo (v.4).

Em seu argumento Judas segue a ordem de II Pedro, mas suas comparações são mais afiadas. Ele usa três exemplos históricos de julgamento: a destruição no deserto dos israelitas que não confiaram em Deus, os anjos que abandonaram sua morada e Sodoma e Gomorra. Em todos estes casos o julgamento irreversível de Deus caiu sobre os que pecaram de maneira vergonhosa. Judas liga os apóstatas da igreja de seu tempo a estes três grupos (v. 8,10,12,14,16,19). A ignorância, irreverência, vazio, traição e egoísmo deles são condenados pela linguagem vigorosa de Judas. A natureza do erro deles é descrita pela semelhança com três grandes rebeldias do Pentateuco: o caminho do falso sacrifício de Caim, o erro de pensar que Deus é ministro da conveniência do homem (Balaão), e a arrogância de uma fé mal definida (Corá) - v. 11.

Na última parte, Judas dá o antídoto contra a apostasia. Primeiro, lembrar-se das palavras de Cristo dadas pelos apóstolos. Segundo, manter a si mesmos no amor de Deus por meio da oração e ação construtiva (20-21). E por fim, salvar os outros dos erros que os cercavam, de maneira que a dúvida deles não os levassem à destruição completa (22-23).

Avaliação

Uma das curiosidades desta pequena carta são os trios de pensamento. Ela tem seis partes principais, que são arrançadas em três pares: os dois primeiros introduzem o pensamento (1-2 e 3-4), os dois seguintes discutem a apostasia (5-7 e 8-16) e os dois últimos estabelecem a conclusão (17-23 e 24-25). O autor se descreve de três maneiras: seu próprio nome, Judas; sua função, servo de Cristo; sua relação com a comunidade cristã, o irmão de Tiago. Ele saúda seus leitores como "chamados", "amados" e "guardados" (v.1). Em sua saudação ele os deseja misericórdia, paz e amor. Há muitos outros "três" que podemos encontrar lendo Judas. Provavelmente eles não possuem nenhum significado especial, além de marcar um tratamento mental do autor.

O uso de literatura apócrifa tem causado algum questionamento sobre esta carta. A referência a Enoque no versículo 14 coincide perfeitamente com uma passagem no livro de Enoque, um livro apócrifo, e a referência à disputa entre Miguel e o Diabo pelo corpo de Moisés aparece na Assunção de Moisés. Ambos os livros foram produzidos no começo do primeiro século por escritores judeus, que esperavam avançar os ensinamentos de sua seita ou partido pelo apelo à autoridade dos líderes do Velho Testamento. A citação cria um dilema, pois, se Judas é uma carta inspirada, suas citações a livros apócrifos dão autoridade a estes? Se, ao contrário, elas foram citações aleatórias que não possuem autoridade, por que ele as citou? Há uma analogia com o discurso de Paulo em Atenas quando ele cita o poeta grego Aratus (At 17:28) para sustentar um ponto de seu discurso porque ele sabia que teria peso com sua audiência, não porque considerava o poeta grego como sendo inspirado por Deus ou uma autoridade na área teológica. Da mesma forma, os trabalhos apócrifos eram algumas vezes usados para ilustrar certos princípios para aqueles que os viam com reverência. A audiência de Judas deve ter sido familiar com esta literatura apócrifa, pois ele fez muitas alusões a ela, mesmo quando a citação não era explícita.

A carta mostra que no período em que foi escrita, quase certamente após 85 DC, havia um corpo reconhecido de crença que podia ser chamado cristianismo. A formulação doutrinária é um processo lento, e a história do cristianismo nos últimos dezenove anos é a história do surgimento e queda de padrões doutrinários e ênfases, alguns eram extremos, outros eram errados. Alguns podem ser tentados a pensar que estas variações não trariam grandes consequências, já que o Novo Testamento impõe certos padrões doutrinários rigorosos. Contudo, nessas cartas, que foram escritas quando o engano prevalecia e a controvérsia estava no início, existe uma insistência clara no "padrão da sã doutrina" e Judas fala de maneira definitiva sobre a "fé-de-uma-vez-por-todas-confiada-aos-santos", que deveria ser guardada como um padrão inviolável.

A maneira apropriada de lidar com aqueles que se desviam deste padrão também é ensinada em Judas. Em lugar algum do Novo Testamento é recomendada perseguição e

queima na fogueira aos hereges. Os hereges constroem seus próprios caminhos (v.19). Ao contrário, a carta aconselha misericórdia e uma tentativa de resgatar aqueles que são enganados e confundidos, embora não se deva ter tolerância com o engano propriamente dito (v. 22-23).

O livro termina com uma das maiores exaltações a Cristo do Novo Testamento. Sua ênfase na autoridade de Jesus e em sua habilidade em manter seus servos livres de cair no engano é singularmente apropriada ao tema de Judas.

I, II, III João

Fundo

Estas três cartas possuem o mesmo estilo de escrita e o mesmo vocabulário, que são também o mesmo do evangelho de João, o que é um bom indício de que foram realmente escritos por um mesmo autor. Provavelmente todos estes quatro livros foram escritos na mesma época e no mesmo lugar.

Na primeira carta encontramos o propósito de sua existência (5:13), que nos remete a ao Evangelho de João (João 20:31). O Evangelho foi escrito para invocar fé. A carta foi escrita para estabelecer certeza.

A segunda e a terceira cartas devem ter sido escritas como cartas complementares, uma para a igreja, sob o nome de "senhora eleita" (II João 1) e a outra a Gaio, o presbítero (III João 1). Sua intenção era a de serem notas de conselho privado e saudação, enquanto o corpo principal de ensinamento está no Evangelho e na primeira carta.

A época e o local exato de sua escrita são incertos, mas a visão mais aceita diz que João os escreveu para as igrejas da Ásia, no último terço do primeiro século. Naquele tempo a separação entre igreja e sinagoga estava completa. A controvérsia sobre justificação pela fé versus obras já tinha se acabado há muito tempo e a entrada de gentios na Igreja com sua herança e pensamento filosófico estava começando a afetar o ensinamento doutrinário. Eles estavam interessados na pessoa de Cristo, mas quem era ele? Se ele era Deus, como pôde morrer? Se ele morreu, como poderia ser Deus? Muitas soluções foram propostas para este dilema, e o debate sobre a natureza de Cristo ocupou o pensamento dos líderes da Igreja e as discussões de conselhos até o quinto século. De fato, este debate continua vivo ainda hoje.

O erro particular que I João pretendia combater parece ter sido uma primeira forma de gnosticismo, uma heresia que era o mais perigoso inimigo da Igreja até o fim do segundo século. O gnosticismo foi construído no princípio de que o espírito é bom, a matéria é má, e não pode haver relação entre os dois. Salvação consiste em escapar do domínio da matéria e passar para o domínio do espírito. Há muitas maneiras de escapar, e o principal é o conhecimento, por meio do qual o homem pode se livrar das correntes da matéria em direção à prisão celestial da verdade. Este conhecimento (gnosis, em grego), poderia ser obtido somente por aqueles que eram iniciados nos segredos internos do grupo.

O conflito deste tipo de filosofia com o cristianismo era mais agudo a respeito da pessoa de Cristo. Como, perguntavam os gnósticos, poderia o espírito puro conhecido como Deus ter alguma relação com o corpo material? Uma união completa era algo impensável. Eles propuseram duas soluções: ou Cristo não era realmente humano, mas apenas parecia ser, ou o Cristo-espírito habitou de verdade o Jesus humano somente após o batismo, e o deixou antes da morte na cruz.

Ambas as interpretações teriam sido fatais se tivessem se tornado a interpretação padrão do cristianismo. A primeira fazia de Jesus um simples fantasma. A segunda criaria uma contradição muito grande, pois nunca se saberia se era o Jesus humano ou o Cristo-espírito que estava agindo e falando. Provavelmente estas teorias ainda não estavam bem definidas quando João escreveu sua primeira carta, mas a linguagem dela implica que algo parecido com gnosticismo prevalecia quando ele escreveu.

João insistiu que o Jesus sobre o qual ele escreveu era audível, visível e tangível (I Jo 1:1). Ele diz que todo aquele que nega o Pai e o Filho é anticristo (2:22) e todo aquele que confessa que Jesus não veio em carne não é de Deus (4:2-3).

Estas três cartas lidam com o mesmo problema de falsos mestres. I João fala de homens que pertenciam à Igreja (2:19). Deve ter havido divisões em algumas igrejas, onde os falsos mestres conseguiram formar seus próprios grupos. Alguns outros eram itinerantes, e tentavam se infiltrar nas igrejas menores que fossem imaturas e fracas. A segunda carta contém avisos contra eles (II João 7). Nenhum destes líderes deveria ser bem-vindo (II Jo 10-11).

A terceira epístola fornece uma ou duas idéias de como era a vida da Igreja no período. Aparentemente boa parte do ministério era feito por pregadores itinerantes, que ficavam um pouco em cada lugar. Tal procedimento era suscetível a abusos por parte de líderes que queriam apenas extorquir e usar o privilégio que tinham para viverem às custas do povo. E o surgimento de "czares" na Igreja é mostrado no comentário a respeito de Diótrefes (v. 9-10), mostrando que até mesmo a Igreja do primeiro século tinha problemas de liderança.

I João

I João é sinfônica, ao invés de lógica, em seu plano. Ela é construída como uma peça de música ao invés de um resumo de um debate. Ao invés de proceder passo a passo no desenvolvimento de um assunto, como Paulo faz em Romanos, João seleciona um tema, o mantém através do livro, e introduz uma série de variações, cada uma por si mesma sendo um tema. Por esta razão é um pouco difícil seguir a linha única de pensamento no Evangelho ou nas cartas.

Esta carta busca inculcar certeza da posse da vida eterna (5:13), e propõe certos testes pelos quais esta certeza pode ser alcançada. A frase "nós sabemos" é usada treze vezes significando a certeza que é obtida pela experiência ou que é parte de uma consciência espiritual.

Luz e amor, duas palavras peculiares a João, são proeminentes nesta carta. Ambas são usadas para descrever Deus (1:5, 4:8), e o desenvolvimento destes dois temas preenche a maior parte da carta. Elas elaboram as idéias abstratas que são apresentadas no Evangelho e as tornam práticas para aplicação pessoal.

II João

O fundo desta carta é parecido com o de I João. É uma carta mais pessoal, pois é dirigida "à senhora eleita e aos seus filhos". Este termo "senhora" pode significar uma pessoa específica, ou pode significar uma igreja, sendo que os membros são os seus filhos. Há um paralelismo com o sentimento judaico por Sião, o qual Paulo chama de "nossa mãe" (Gálatas 4:6). Os estudiosos têm pouco conhecimento sobre o que pode realmente significar esta saudação.

O ponto principal da carta é prevenir o grupo para o qual foi escrita a respeito de falsos mestres. O mesmo perigo de ignorar a humanidade de Cristo e a mesma necessidade de se ater à verdade são expressos aos leitores.

III João

Endereçada primeiramente a Gaio, um líder na igreja, a carta lida mais com assuntos administrativos e menos com assuntos teológicos. Ela lida com o recebimento de irmãos missionários, que deveriam ser encorajados em sua visita à igreja, e com a atitude desagradável de Diótrefes, que merecia ser repreendido.

Avaliação das três cartas de João

As cartas de João, especialmente a primeira, são inestimáveis como índice de realização pessoal. Elas são quase que totalmente declarativas. Exposição e argumentação teológicas não são encontradas. A verdade histórica que aparece no Evangelho é aplicada em I João ao indivíduo, e as provas da posse da vida eterna são esboçadas de forma simples, de maneira que é possível saber se realmente se crê. A maturidade do ensinamento não deve ser confundida com uma crença vaga ou com indecisão teológica. Todas estas cartas traçam uma tênue linha entre verdade e inverdade, entre retidão e erro, entre luz e trevas e entre amor e ódio. Elas ordenam que o cristão se coloque em um lado da linha ou do outro. Elas pressupõem uma clara e perfeita revelação da vida eterna em Cristo, que constitui o padrão de verdade e que deve ser aceito ou rejeitado. As obrigações e conseqüências da aceitação são expostas, de maneira que os que crêem podem dizer "nós passamos da morte para a vida".

Avaliação de II Pedro, Judas e das cartas de João

Estas últimas cartas representam uma frente forte contra o crescimento de heresias e enganos. Elas não são puramente polêmicas: são construtivas em sua apresentação do ensinamento do Evangelho. Maturidade de pensamento e santidade de vida são seus objetivos, e não simplesmente argumento sobre um ponto de tradição. Elas não foram escritas simplesmente para vencer um debate, mas para ajudar e desenvolver o cristão, de forma que ele possa se manter por si mesmo, e o mal não possa atingi-lo (I João 5:18).